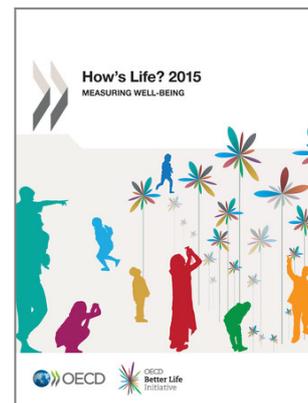


OECD *Multilingual Summaries*

How's Life? 2015

Measuring Well-being

Summary in Portuguese



Leia todo o livro em: 10.1787/how_life-2015-en

Como está a vida? 2015

Medir o bem-estar

Sumário em Português

Como está a vida, em termos globais?

Para poderem ser criadas políticas melhores para vida melhores, é essencial compreender melhor o bem-estar das pessoas. O bem-estar é multidimensional, abrangendo aspetos que vão desde a participação cívica à habitação, desde o rendimento da família ao equilíbrio entre a vida pessoal e profissional, e desde as competências ao estado de saúde. Uma avaliação aprofundada para saber se a vida está a melhorar exige uma gama alargada de métricas, recolhidas à escala humana, e capazes de refletir as diversas experiências das pessoas. É este o propósito do presente relatório.

Os dados concretos mais recentes sobre o bem-estar em 11 diferentes dimensões da vida sugerem que os países da OCDE têm diferentes padrões de pontos fortes e fracos. Como seria de prever, os países que estão no terço superior da OCDE em termos de produto interno bruto (PIB) per capita costumam obter bons resultados, designadamente no que diz respeito aos resultados relativos ao bem-estar material, como rendimento familiar e salários. Apesar disso, os países podem ter pontos fracos comparativos em domínios como segurança do emprego, qualidade do ar, habitação acessível, e equilíbrio entre a vida pessoal e profissional qualquer que seja o nível de PIB per capita. Apesar de sabermos desde há muito que há vida para além do PIB, este relatório mostra quais as áreas onde até os países mais ricos da OCDE ainda têm aspetos a melhorar para poderem aumentar o bem-estar dos seus cidadãos.

Desigualdades ao nível do bem-estar

As médias nacionais são apenas parte da história sobre o bem-estar: diferentes grupos da população podem ter experiências de bem-estar muito diferentes. Estas disparidades divergem muitas vezes de um país para outro, e vão muito além das diferenças no rendimento familiar. Por exemplo, os 60% inferiores da distribuição detêm 20% ou mais da riqueza líquida total na República Eslovaca, Grécia e Espanha, mas menos de 8% na Alemanha, Países Baixos, Áustria e Estados Unidos. As pessoas com mais habilitações académicas tendem a viver mais tempo mas, consoante o país, aos 30 anos de idade, os homens que frequentaram o ensino superior podem ter uma expectativa de vida entre quatro e 18 anos mais longa do que os seus vizinhos que apenas frequentaram o ensino básico. Em vários países da OCDE (Itália, Bélgica, Hungria, Austrália, Luxemburgo e Reino Unido), a taxa de desemprego de longa-duração entre jovens trabalhadores (dos 15-24) é pelo menos o dobro da dos trabalhadores dos 25 aos 54 anos de idade. Para além de terem níveis reduzidos de desigualdade de rendimentos, os países nórdicos têm normalmente diferenças muito menores nos resultados em termos de qualidade de vida – incluindo diferenças relacionadas com o género e a idade.

As vidas estão a melhorar?

Em vários aspetos, o cidadão médio da OCDE vive melhor agora do que em 2009, mas as mudanças ao nível do bem-estar têm sido diferentes – quer em termos de países, quer em termos de indicadores. O rendimento das famílias começou a recuperar lentamente em relação aos níveis da crise na maioria dos países da OCDE, mas os progressos registados em outros domínios (como o desemprego de longa duração, o horário de trabalho prolongado e a participação dos eleitores) não conseguiram acompanhar esta tendência em vários casos. Os países que registaram os maiores declínios no rendimento familiar desde 2009 (como a Grécia, Portugal, Itália e Espanha) continuam a sentir a dor de outras formas, desde o desemprego elevado à descida dos salários e a habitação mais cara. Apesar de quase todos os países terem registado algumas subidas nas taxas de aproveitamento no ensino secundário desde 2009, estes resultados podem ter uma evolução diferente no tempo no que diz respeito aos resultados em termos de bem-estar material.

Monitorização dos recursos para o futuro

A monitorização dos stocks de recursos que existem hoje mas que podem ajudar a manter o bem-estar ao longo do tempo, constitui um primeiro passo para compreender as perspetivas para o bem-estar no futuro. O presente relatório considera um pequeno conjunto de medidas destinadas a ilustrar elementos dos stocks de capital natural, humano, social e económico que são suscetíveis de influenciar as oportunidades de bem-estar no futuro – assim como alguns dos investimentos, fatores de esgotamento e risco que afetam esses stocks. As tendências consideradas vão desde as crescentes concentrações de gases com efeitos de estufa presentes na atmosfera, ao crescente aproveitamento académico dos jovens adultos, mudanças nos níveis de endividamento das famílias e as recentes quebras da confiança nos governos. Este conjunto de indicadores será desenvolvido com maior profundidade ao longo do tempo, para complementar o painel atual de resultados do bem-estar utilizado no relatório ‘Como está a vida?’ com indicadores que tomem em consideração uma visão a mais longo prazo.

Como está a vida para as crianças?

Nem todas as crianças estão a ter o melhor começo possível nas suas vidas. Entre os países da OCDE, uma em cada sete crianças vive na pobreza, quase 10% das crianças vivem em famílias sem rendimentos de trabalho, e uma em cada 10 diz que é vítima de violência psicológica na escola. Existem desigualdades marcadas no bem-estar das crianças associadas ao contexto socioeconómico familiar: as crianças oriundas de famílias com melhor situação financeira são mais saudáveis, têm uma maior participação cívica e relações melhores com os pais e os pares. Os alunos de famílias mais favorecidas também são menos suscetíveis de ser vítimas de violência psicológica e têm maiores probabilidades de ter um sentimento de pertença à escola. Estas conclusões sugerem que as desigualdades ao nível do bem-estar entre adultos se traduzem em desigualdades nas oportunidades para os seus filhos.

Voluntariado e bem-estar

O voluntariado tem muitas modalidades, desde a participação na vida política à prestação de cuidados a um vizinho idoso. Dados concretos atuais sugerem que um em cada três adultos faz voluntariado pelo menos uma vez por ano nos países da OCDE, e sete em cada 10 europeus afirmam que dão ajuda informal a amigos, vizinhos e a estranhos. O voluntariado pode ser benéfico para os voluntários propriamente ditos, trazendo novas competências e conhecimentos que podem potenciar o desenvolvimento da carreira ou as perspetivas de emprego. Os voluntários também dão conta de um grau de satisfação superior ao das pessoas que não fazem voluntariado. Este facto parece indicar a existência de um círculo virtuoso em que as pessoas ficam bem por praticarem o bem. Na zona da OCDE, o valor do tempo que as pessoas dedicam ao voluntariado pode estar próximo dos 2% do PIB. Apesar de ser apenas uma estimativa aproximada, sugere que o voluntariado representa um contributo grande, mas em larga medida escondido, para a sociedade mais alargada.

O local onde as pessoas vivem pode afetar fortemente o seu bem-estar

Muitos dos fatores que definem as vidas das pessoas – como a segurança pessoal, a poluição do ar, as oportunidades de emprego e o acesso a serviços – são profundamente influenciados pelo local onde essas pessoas vivem. As disparidades quer ao nível da qualidade de vida, quer das condições materiais

nos países, podem por vezes ser tão acentuadas como as disparidades que existem entre países. Por exemplo, em 2014, a diferença na taxa de desemprego entre as regiões com melhores e piores resultados na Turquia, Espanha e Itália foi de quase 20 pontos percentuais. Este valor é quase tão grande como a diferença nacional média entre a Grécia e a Noruega no que diz respeito ao desemprego. Para além disso, as regiões divergem em termos da desigualdade na distribuição dos rendimentos, sendo a desigualdade dos rendimentos especialmente elevada em regiões com grandes áreas metropolitanas. Com os dados concretos a sugerirem que algumas discrepâncias regionais em termos de bem-estar têm vindo a aumentar, a necessidade de uma perspetiva regional torna-se ainda mais premente.

© OECD

Este sumário não é uma tradução oficial da OCDE.

A reprodução deste sumário é permitida desde que sejam mencionados o copyright da OCDE e o título da publicação original.

Os sumários multilingües são traduções dos excertos da publicação original da OCDE, publicada originariamente em Inglês e Francês.

Encontram-se livremente disponíveis na livraria on-line da OCDE www.oecd.org/bookshop

Para mais informações, entre em contato com a OECD Rights and Translation unit, Public Affairs and Communications Directorate. rights@oecd.org Fax: +33 (0)1 45 24 99 30.

OECD Rights and Translation unit (PAC)

2 rue André-Pascal, 75116

Paris, France

Visite nosso sítio www.oecd.org/rights



[Leia toda a versão em inglês na iBiblioteca OCDE \(OECD iLibrary\)!](#)

© OECD (2014), *How's Life? 2015: Measuring Well-being*, OECD Publishing.

doi: 10.1787/how_life-2015-en